

Fotossíntese

de Francis Ivanovich.

Em seu pequeno quarto, sentado na cama, comprada do último proprietário onde ele morara, tentava escrever algo que realmente considerasse relevante como obra. Encarando a tela em branco, ouvia os sons da tempestade que cobriam a noite e sempre que isso ocorria, desde menino, a angústia o oprimia ainda mais. Anos após anos esse embate angustiante que travava com o papel em branco na tentativa de uma carreira como escritor. Tinha a consciência de que jamais produziria uma obra à altura de um Kafka, mas queria, se fosse possível, deixar um livro que prestasse, antes de morrer. Apenas um livro.

Dizia para si. Há exatos 10 anos publicara a primeira novela. Uma tiragem pequena, mal impressa por uma editora medíocre. O que o consolava é que não tivera de pagar para publica-la, um costume vergonhoso praticado por editoras disfarçadas de gráfica, e até conseguira vender uns 200 exemplares. O livro, praticamente ignorado, colhera alguns comentários, mas nada significativo que o empurrasse adiante.

Ele, por vezes, quando acordava menos desgostoso, a considerava boa novela, com alguma qualidade literária, mas outras vezes, quando dormia mal, tinha sobre ela um conceito de algo bem menor. Na gaveta várias ideias, livros incompletos, histórias interrompidas. Sobre os papéis um pequeno exemplar de A Metamorfose. O livro fora colocado ali de propósito, não como peso de papel, mas fazendo-o refletir sobre aquele livro de apenas 110 páginas muito bem escritas.

Um livro que tornara-se realmente relevante neste mundo de tantas irrelevâncias. O primeiro parágrafo sempre o impressionara: Certa manhã, depois de despertar de sonhos conturbados, Gregor Samsa encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso. Ele ficava abismado com a simplicidade que resumia toda a história em penas três linhas. Fechava a gaveta e dizia para si, desanimado: você não tem essa capacidade.

O que também o deixava com a alma perturbada era deparar-se nas livrarias com editoras-autores contemporâneos que conseguiam enganar as pessoas com boa publicidade. Certa tarde, refugiou-se da chuva numa livraria no centro da cidade, e sentou-se com um recente lançamento nas mãos de um dos mais conhecidos escritores, uma espécie de pop star das letras. Correu os olhos sobre as páginas, impressionado com o nada a dizer, um quase diário de alguém que goza uma vida de pequeno burguês entediado neste país miserável.

O livro lindamente impresso, bem exposto na livraria, que garantiria ao autor mais dias de vistas para o mar, era asqueroso. Não era inveja o que ele sentia, mesmo que sua vida fosse quase miserável, mas desprezo, um desprezo até juvenil, por conta de todo o jogo, de toda a imundice, de toda a mentira. Ele sabia reconhecer perfeitamente um escritor de verdade. Geralmente esses escritores são como fantasmas de carne e osso, transitando pelas ruas entre os vivos que anseiam por novidades fúteis, que não as faça pensar nem sentir, mas ter um orgasmo, um simples e entorpecedor orgasmo.

Isso o oprimia. Olhou a hora na tela do computador. A chuva deixara de ser ópera e tornara-se um solo de goteiras. Sentia fome. Fez café na cafeteira elétrica. Sentou-se diante da pequenina mesa de madeira e cortou uma fatia de pão. A lâmina abriu uma ferida em seu indicador esquerdo, que ele usava para digitar, em vez de sangue, um líquido branco emergiu do corte. Não tinha cheiro de sangue o líquido viscoso, como água oxigenada que ferve sobre a infecção. Ficou admirado e em pouco tempo bem assustado. A fome desapareceu. Não conseguiu dormir, e muito menos escrever.

2

Sentado há horas, na sala de espera da unidade de pronto atendimento médico, intrigado com o sangue branco que coagulava sobre o corte no indicador esquerdo, lembrou-se que estava há bastante tempo sem comer e estranhamente ainda não sentia fome. Bebeu água com gosto de terra no bebedouro elétrico, sentiu-se saciado. Ao sentar-se outra vez, notou que um pequeno galho de árvore escapava

pela bainha da calça, na perna esquerda. Ao tentar retirar o galinho, sentiu imensa dor, semelhante a quando arrancamos fios de cabelo.

Ergueu a bainha da calça e para seu espanto, o galho que exibia tenra folha, ainda prematura, em sua ponta, emergia de dentro do seu tornozelo inchado. Baixou a bainha da calça como quem esconde uma arma debaixo da camisa. Ficou imóvel, olhando para o nada, de tal maneira absorvido em si mesmo, que não escutou seu nome sendo anunciado para o atendimento. Não teve coragem de levantar-se.

Ele concluiu que estava enlouquecendo. Ao desistirem do seu nome, levantou-se vagarosamente, mancando, deixou o posto, chegando à rua, quase em desespero. A angústia era do tamanho de uma montanha sobre as costas. Seu tronco era empurrado para baixo, e sob tal peso o gesto submisso anunciava o que estava por vir.

Era tamanho o peso que experimentava, que seu rosto via o chão aproximar-se lentamente, numa queda vagarosa e sofrida. Sobre a calçada estava um espetinho de churrasco, com um pedaço de carne gordurosa empalada no bambu. Um nojo inexplicável sentiu com a visão. Logo ele que sempre comia churrasquinho na esquina próxima aonde vivia, quando sentia fome. Um nojo tão profundo que seu estômago girava como uma betoneira, fazendo com que um refluxo violento fosse contra o muro, ao qual ele se apoiara.

O líquido branco que seu dedo havia expelido, agora escapava pela bocarra caindo de neve a muralha. Sem dúvida estava doente. Talvez da cabeça. Em meio ao caos em que se encontrava, tentou agarrar a mão da lucidez, ao buscar na lembrança se havia comido algo estragado no dia anterior. Nada emergiu da cabeça confusa. Não entendia porque ele sentia-se tão mal e como o galho penetrara o seu tornozelo. De certo algo estava ocorrendo no seu organismo, nesse corpo que não nos pertence, que tem vida própria e não controlamos.

3

Pesadelos o atormentaram durante a noite. Um em especial. Um lenhador com seu machado tentava cortar suas pernas que eram longas como as de uma girafa. Sentiu muito frio durante o sono inquieto, um frio que não combinava com fevereiro. Ao amanhecer, notou que o cobertor apresentava relevos pontiagudos, como se tendas tivessem sido montadas sobre a cama-deserto.

Assustado, puxou a manta com rispidez, mas ela ficou presa numa forquilha. Ao retirar a lã sobre seu corpo, viu aterrorizado que galhos e folhas haviam brotado no tronco e nos membros. Ele estava transformando-se numa árvore, não tinha dúvidas. Agora entendia porque a água o saciava e um impulso incontrolável o fazia buscar a luz solar que pelas frestas da persiana tentavam invadir o quarto. Pegou o pequeno espelho para verificar o que se passava com o seu corpo que apresentava uma coloração castanha. Queria fugir. Desaparecer do mundo.

Não ver ninguém. Como seria possível ele ir para a rua com aspecto inverossímil? Pensou em nunca mais deixar o quarto, mas certamente a senhoria iria bater à porta para cobrar o aluguel? Acabaria chamando a polícia ou talvez os bombeiros. Seria notícia em todo o mundo. "Homem se transforma em árvore".

Por que estava acontecendo essa aberração com ele? Em meio a esse pensamento, olhou para a faca deitada sobre a mesa, a mesma que lhe abrira o dedo. Ainda manchada do sangue branco, ele a pegou e sem se importar se o ato lhe causaria mais sofrimento, começou a serrar um galho que atravessa a coxa. A lâmina abriu uma fenda irregular na madeira e dela escorreu o líquido branco que ele reconhecia.

O seu sangue era seiva, ele havia transformando-se num vegetal. Ao serrar-se, sentiu uma dor pequena, menor do que as dores que carregava em seu coração. Olhou para a janela e pensou atirar-se, escapando da vida num tombo mortal. Foi quando um som surgiu na rua, o som da bateria e a marchinha cantada pelo bloco de carnaval que se aproximava: "Se a canoa não virar..."

Compreendeu que era a oportunidade de fugir sem chamar a atenção. Saiu do quarto sem fechar a porta, chamou o elevador que estava vazio. No espelho do elevador viu perfeitamente seus olhos de um verde profundo, a boca rachada como casca de madeira, o corpo tomado por nódulos e brotos.

Ao chegar à rua, ouviu de um folião que sua fantasia era uma homenagem à Amazônia; num instante uma jovem muito bonita, fantasiada de índia, pendurou-se nele, alisando o seu peito frondoso. Os toques delicados da moça o eletrizaram, quase não sentia o toque humano em seu corpo-árvore.

O bloco de foliões o arrastou pela rua, e toda gente se admirava da criatividade do anônimo carnavalesco. Não demorou para que ele desaparecesse na multidão. Nunca mais ouviu-se falar do escritor que desaparecera.

Na quarta-feira de cinzas, um mistério intrigava os moradores de uma das ruas das Laranjeiras. Quem plantara a estranha árvore semelhante a um homem no meio daquela rua, atrapalhando o tráfego? Dos olhos escavados na dura face, escorriam intermitentes lágrimas de seiva, que ao caírem no chão, forjavam brancas folhas de papel.

(Copyright 2020: Todos os direitos reservados)